

Espaço da Reitoria

Rui Vicente Oppermann
Vice-reitor

Salão UFRGS 2012

Entre os dias 1.º e 5 deste mês, ocorre o Salão UFRGS. Integrando atividades diversas no âmbito do ensino, da pesquisa e da extensão, o Salão oferece uma ampla programação, traduzindo-se em um evento de mais alta relevância. Esse é o segundo ano no qual integramos as atividades dos salões mais tradicionais da Universidade com novas áreas. Assim, teremos conjuntamente o VIII Salão de Ensino, o XIII Salão de Extensão, o XXIV Salão de Iniciação Científica, o VII Salão UFRGS Jovem, a II Feira de Ensino e Popularização da Ciência, a Feira de Inovação (Finova), o II Salão de Relações Internacionais e o Salão de Gestão Ambiental. Durante o evento, dois temas relevantes para o nosso dia a dia serão desenvolvidos em painéis com a participação de autoridades locais e nacionais. O primeiro será na Abertura, no dia 1.º de outubro, em que será abordado o tema Universidades de Classe Mundial. Para além de um conceito, a projeção internacional é uma estratégia de desenvolvimento e qualificação das universidades brasileiras. A UFRGS está na liderança dessa discussão e tem como proposta para a atual gestão a busca de uma maior

presença institucional no cenário internacional. Projetar-se como universidade de classe mundial significa oportunidades de crescimento e de intercâmbio, incremento da produção científica e fortalecimento da inserção na sua comunidade através da extensão universitária. O segundo painel será realizado no dia 4 de outubro. Com o título Ciberconfluência: Redes Sociais, Mobilidade e Educação, esse painel propiciará uma discussão sobre as novas tecnologias que permitem uma convergência digital, influenciando na criação de redes sociais, no aumento da mobilidade e nas mudanças na educação. Um tema instigante e desafiador para todos os que participam do cotidiano universitário, pois é inegável que essa convergência desafia modelos tradicionais de relacionamento e de educação.

A Programação do Salão UFRGS é extensa e diversificada, e certamente cada participante encontrará atividades do seu interesse no Câmpus Centro ou no Câmpus do Vale, uma das novidades para este ano. Esta edição amplia a presença de jovens pesquisadores, envolvendo a participação

de estudantes do ensino médio de 65 escolas do nosso estado. O Salão UFRGS Jovem é mais uma maneira de a Universidade atuar na qualificação do ensino médio e ao mesmo tempo abrir suas portas para os nossos, quem sabe, futuros estudantes. Estamos buscando ainda uma maior interatividade com a comunidade. Para tanto, a Secretaria de Comunicação estará mobilizando todos os seus canais de comunicação, para difundir na comunidade o que de mais importante está acontecendo no Salão. Com isso, queremos colaborar para construir o objetivo maior do evento, que é o de dar visibilidade às ações da UFRGS e com isso dar oportunidade para que nos conheçamos melhor, para que possamos crescer academicamente e aproveitar o ambiente para a confraternização universitária.

Com o Salão UFRGS reiteramos nosso compromisso de, como universidade pública, disseminar o conhecimento gerado, além de despertar o interesse pelo aprendizado e pela descoberta científica no público que nos visita nestes dias.

UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Av. Paulo Gama, 110 - Bairro Farroupilha,
Porto Alegre - RS | CEP 90046-900
Fone: (51) 3308-7000 | www.ufrgs.br

Reitor
Carlos Alexandre Netto
Vice-reitor
Rui Vicente Oppermann
Chefe de Gabinete
João Roberto Braga de Mello
Secretário de Comunicação Social
Flávio Porcello

JORNAL DA UNIVERSIDADE
Publicação mensal da Secretaria de
Comunicação Social da UFRGS
Fones: (51) 3308-3368 / 3308-3497
Email: jornal@ufrgs.br

Conselho Editorial
Cassiano Kuchembecker Rosing, Cesar Zen
Vasconcelos, Dalro José Nunes, Edson Luiz
Lindner, Fernando Cotanda, Flávio Porcello,
Márcia Heloisa Lenz, Maria Henriqueta Luce
Kruze, Ricardo Schneiders e Rudimar Baldissera

Editora
Ania Chala
Repórteres
Everton Cardoso, Jacira Cabral da Silveira
e Samantha Klein
Projeto gráfico
Juliano Bruni Pereira e
Kleiton Semensatto da Costa (Cademro JU)

Diagramação
Kleiton Semensatto da Costa

Fotografia
Flávio Dutra, Thiago Cruz

Revisão
Antônio Falcetta

Bolsistas
Bibiana Guaraldi, Bruno Cobalchini Mattos,
Manuela Martins Ramos e Priscila Kichler

Pacheco (Jornalismo)

Circulação
Márcia Fumagalli

Fotolitos e Impressão
Gráfica da UFRGS

Tiragem 12 mil exemplares

facebook.com/jornaluniversidade

@jornalufrgs

Mural do leitor

jornal@ufrgs.br

Biblioteca da Arquitetura

Gostaria de manifestar-me em relação ao projeto da Biblioteca da Faculdade de Arquitetura, inaugurada em junho. A reforma da biblioteca saiu cara, com investimento de 1 milhão, e apresenta problemas básicos e inadmissíveis. Como estudante desta universidade e usuário da biblioteca, julgo pertinente o seguinte feedback: a bancada para os laptops fica oposta às enormes e muito ensolaradas janelas. Consequência: superaquecimento e excesso de luz, o que dificulta a leitura nas telas dos computadores portáteis. A solução seria fechar uma ou duas cortinas. Mas onde estão? Estão para o lado de fora, sem a possibilidade de manuseio pelos usuários. O que fazer no verão se não há como fechar as cortinas? Esses pequenos problemas de projeto acabam acarretando enormes transtornos para um adequado processo de trabalho, estudo e pesquisa – finalidade das bibliotecas universitárias. É, portanto, um projeto que carece de uma perspectiva do usuário. É com lástima e vergonha que escrevo este e-mail, pois fico pensando no tipo de arquiteto que nós, da UFRGS, estamos formando. Espero, por fim, que ainda haja a possibilidade de solução para os problemas relatados.

► **Rodrigo Ramos, estudante da UFRGS**

Memória da UFRGS

MUSEU DA UFRGS / ACERVO FOTOGRAFICO LUME



Século XIX

A Avenida da Redenção atravessa três bairros: Centro, Cidade Baixa e Azenha. Nasceu como caminho de ligação entre a vila primitiva e a ponte da Azenha que conduzia a Viamão. Teve os nomes de Caminho da Azenha, Rua Nova do Portão, Rua da Azenha, Rua da Redenção, Avenida da Redenção e, finalmente, Avenida João Pessoa. Seu trajeto atual somente foi efetivado na década de quarenta do século XX.

Artigo

A UFRGS e a Arqueologia Clássica em Apollonia-Arsuf

Desde o resgate de Pompeia, em 1748, e ao longo do século XIX e início do XX, a Arqueologia tem produzido fascínio e conduzido revoluções científicas e culturais. Troia (1871), Micenas (1876), Knossos (1900), Machu Picchu (1911), a tumba de Tutankamon (1922) e outros achados provocaram a curiosidade mundial e abasteceram a mente de gente como Sigmund Freud (1856-1939) e Pablo Picasso (1881-1973) com novas fontes para compreender a humanidade e recriar o conhecimento. Sítios e museus arqueológicos mobilizaram peregrinos em um ciclo virtuoso de turismo e conhecimento, que alimentou também os meios literário, cinematográfico e artístico. Esse fascínio persiste, bem como o poder sui generis da Arqueologia: produzir novidades com fatos de 2.500 ou 3.000 anos. A UFRGS tem parte nessa aventura do conhecimento por meio de um projeto que realiza desde 1998, e que já resultou em sete expedições científicas e em achados de primeira grandeza na arqueologia contemporânea: o Projeto Apollonia, um programa de pesquisas em Arqueologia Clássica e História Antiga e Medieval, realizado por meio de um convênio entre a UFRGS e a Tel Aviv University, pelo Núcleo de História Antiga do IFCH, com a parceria de diversas universidades brasileiras (USP, PUCRS, Unicamp e UFPel).

Apollonia é o nome greco-romano da cidade fenícia de Reshef (séculos VII-IV a.C.), Arsuf na ocupação normanda (séculos XII e XIII). O sítio contém 18 séculos de arqueologia, com vestígios

fenícios, persas, greco-macedônios, hebraicos, romanos, bizantinos, árabes e normandos. Em 1998, a equipe da UFRGS, com a participação de 17 pesquisadores e apoio decisivo da Fapergs, resgatou uma villa marítima romana, a única encontrada no Mediterrâneo oriental, e uma coleção de artefatos romanos e bizantinos (cerâmicas variadas, vidrarias, joias, moedas, marfim e outros). Os resultados de 1998 animaram a realização de expedições científicas em 1999, 2000, 2001, 2003, 2006 e 2012, sendo em 1999 e 2003 com o Núcleo de Fotografia da Fabico. Ao longo desse processo, ampliou-se o esclarecimento arqueológico da ocupação romana de Apollonia e produziram-se muitos resultados históricos, educacionais, culturais, sociais e institucionais: artigos, relatórios, dissertações, teses, conferências, trajetórias acadêmicas e profissionais, exposições e publicações especializadas e de divulgação, com destaque para a matéria de capa da Revista Galileu, número 107 (06/2000), e para a implantação do Apollonia National Park, em Herzliya (IL). A realização mais recente deste projeto foi a expedição científica internacional Apollonia 2012, que levou sete pesquisadores da UFRGS e da UFPel para uma temporada de duas semanas de escavações e visitas, de 19 de agosto a 1.º de setembro p.p.. Atualmente, estão sendo processados os bons resultados dessa expedição: bancos de imagens e relatórios com o registro de todos os eventos, com o que se inicia a interpretação arqueológica e histórica. Ao final, têm-se diversas narrativas iluminadas por achados em

seu contexto arqueológico.

A Arqueologia encontra a vida em sua totalidade e em cada particularidade. Resgatam-se vestígios do cotidiano sem que tenham sido filtrados por coleção, edição, currículo, estado, estética ou qualquer critério, senão a usura do tempo. Nosso ambiente é a arqueologia romana, em ruínas que traduzem as concepções de corpo, espaço, poder, arquitetura e, especialmente, as formas e eventos da ocupação colonial romana. Por vezes, os achados tratam da cultura simbólica, da sexualidade, das tensões sociais e religiosas, das questões de identidade produzidas em um ambiente de enorme pressão étnica. Isso aparece sobretudo nas lamparinas iconográficas que encontramos em campo. Em todo o sítio, são cerca de 400 anos de história romana, compreendendo a ocupação da cidade, reformas urbanas, agrárias e tecnológicas que otimizaram o desempenho econômico da região e fizeram prosperar uma indústria de vidros e um porto conectado às grandes rotas marítimas e rodoviárias do Oriente próximo. Na época romana, essa região se chamava Província Palestina; a 35km ao norte de Apollonia, está Caesarea Marítima, ornada com um rico palácio construído por Herodes (c. 73-4 a.C.), junto a um hipódromo, banhos e demais equipamentos da cidade romana antiga. Herodes foi um rei judeu romanizado, o mesmo que construiu o palácio em Jerusalém, destruído pelo então general Tito (39-81 d.C.) em 70 d.C., em cujas ruínas vão diariamente lastimar-se e bater a cabeça muitos judeus ortodoxos. O Projeto

Apollonia estuda os processos sociais havidos na romanização dessa região – processos esses muito complexos, relacionados, entre outros fatos, à aurora do cristianismo em meio à secessão judaica e às confrontações culturais doravante agravadas, no Império Romano e na história do Ocidente, Porto Alegre inclusa. Esses fenômenos aparecem na cultura material de modo claro, oferecendo outra perspectiva para cenários poluídos por demasiada interpretação confessional. A cultura material é um quadro tangível de evidências, com as quais se tem visões históricas da sociedade e suas transformações. A Arqueologia resgata ruínas e fragmentos, sinais que podem se tornar símbolos e ampliar a interpretação, pistas que permitem investigar tramas de indivíduos, comunidades, etnias, cidades e Estados. Examinam-se também linguagens, tecnologias e fenômenos de interação social, fortes o suficiente para depor vestígios duradouros. Ademais, em um sítio com tanta história, podem-se ver as diferentes transformações da paisagem na relação entre homem e meio ambiente. Com o Projeto Apollonia, resgatamos para o mundo e para a nossa comunidade a visão enriquecida desses fenômenos, relevantes para a humanidade.

Francisco Marshall

Professor do Depto. de História (IFCH) e nos PPGs Artes Visuais e História, coordenador do Núcleo de História Antiga e do GIFCH-ILEA